

# Mulheres da atividade pesqueira artesanal em Quissamã / RJ<sup>1</sup>

Luceni Hellebrandt – UFPel / RS – Brasil

## Resumo

“Eu pesco desde cedo. Não tenho outro lado pra falar da minha vida, só esse. Com 13 anos e uma filha de 7 meses, houve a necessidade de visualizar no peixe uma renda. Ele recebia o dinheiro e ia pros forró. Largava eu lá mais os filhos. Chegava no outro dia, ria contando que tinha tomado 2 caixas de cerveja, mas quando a criança pedia uma garrafa d’água, dizia que não tinha dinheiro. Eu disse: um dia eu vou sair dessa vida e vou ser pescadora. Eu vou pescar e ainda vou dar as coisas pros meus filhos. Ficar num lugar que só tem homens de madrugada, tem que ter muita coragem. Não só disposição, mas muita coragem também. E não temer a nada. Eles falavam que eu era mulher muito valente pra enfrentar uma coisa daquelas. Hoje eles discriminam, dizem que a gente não é pescadora mais, pra eles pescador vai todos os dias, levantam de madrugada, como a gente fazia. Só que eles tem que entender que hoje nós somos donas de casa, mãe. Vocês por acaso cuida de casa? Vocês cuida de filho? A gente faz tudo isso e ainda pesca. Eu gosto da minha profissão. Eu sou pescadora. Eu gosto muito. Hoje eu não trabalho pra ninguém mais. A pesca que me trouxe até aqui.” Este relato, apresentado a primeira vez como parte da exposição fotográfica “Pesca no Litoral Brasileiro” no 18o Congresso Mundial IUAES (2018) descreve uma história embaralhada a partir de trechos de entrevistas com 8 mulheres da atividade pesqueira de Quissamã / RJ para o projeto “Mulheres na Pesca”, desenvolvido na UENF entre os anos 2017 e 2019. De uma forma resumida, o relato demonstra o cotidiano comum de mulheres de comunidades pesqueiras no Brasil. A partir dele, apresento como as interlocutoras investigadas no projeto participam na atividade pesqueira artesanal de Quissamã e suas vivências, marcadas por relações desiguais de poder, para defender que questões de gênero sejam incorporadas as discussões sobre conflitos socioambientais. Entre negociações diárias com fazendeiros – que impedem o livre acesso delas à Lagoa – e pescadores homens, as histórias de vida atreladas à atuação na pesca artesanal são marcadas pelo cuidado, busca por segurança alimentar e pouco reconhecimento legal e social, mas sempre com muito orgulho de serem pescadoras.

**Palavras-chave:** mulheres na pesca; gênero e pesca; atividade pesqueira artesanal

## Introdução

Este texto origina-se nas entrevistas realizadas com 8 mulheres pescadoras artesanais no município de Quissamã/RJ. Foram entrevistadas como parte do trabalho de campo do projeto “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas”, no qual desenvolvi pesquisa de pós-doutorado entre os anos de 2017 e 2019. A primeira parte do texto versa sobre a questão dos conflitos socioambientais e sobre a questão das mulheres na atividade pesqueira. Colocados assim, parecem dois temas distantes. Contudo, como objetivo explícito nas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

palavras que se seguem, defendo a necessidade de observar os conflitos socioambientais através de lentes de gênero, que foi a proposta do projeto “Mulheres na pesca”.

O projeto e o trabalho de campo que dão base a este texto são explicados com algumas notas metodológicas e na transição para os resultados que sustentam o objetivo deste texto, apresento as interlocutoras de Quissamã, utilizando apontamentos sobre suas formas de ingressarem na pesca artesanal. Para a discussão final, apresento de forma resumida dois conflitos socioambientais identificados no projeto “Mulheres na pesca”, que ocorrem em Quissamã e impactam diretamente as interlocutoras descritas neste texto.

### **Desiguais relações de poder**

Distintos usos e formas de exploração do espaço costeiro e ocupação do território geram relações conflituosas entre grupos com interesses díspares nos recursos naturais. A relação desigual de poder entre estes grupos privilegia alguns em detrimento de outros, uma vez que os poderes econômico e político tendem a ter um peso maior, ameaçando a continuidade e a reprodução social dos mais vulneráveis, conforme destacou Acseirad (2004). Tal situação é o caso de populações cujo modo de vida está relacionado à atividade pesqueira de características artesanais. Quando do embate com outras atividades costeiras com retorno financeiro mais expressivo, tais como turismo, agronegócio, ou exploração petrolífera, as populações pesqueiras quedam-se em desvantagem na relação assimétrica de poder.

Neste sentido, a partir da década de 1990 tem-se no Brasil uma discussão teórica acerca do que passou a ser compreendido como conflitos socioambientais. Em 1997, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE elaborou um esforço de definições conceituais onde descrevem-se exemplos dos “conflitos entre interesses privados e interesses coletivos ou públicos relacionados aos problemas ambientais” (SCOTTO, 1997, p. 25), ou melhor, conflitos que envolvem a natureza e a sociedade e que, em geral “se dão pelo uso ou apropriação de espaços e recursos coletivos por agentes econômicos particulares, pondo em jogo interesses que disputam o e controle dos recursos naturais e o uso do meio ambiente comum, sejam esses conflitos implícitos ou explícitos.” (SCOTTO, 1997, p. 28).

Entretanto, há de se atentar também à desigual relação de poder entre os sexos, conforme Joan Scott (1990) chamou atenção ao expressar que a abordagem de gênero implica numa análise relacional. Neste sentido, apesar de um debate já consistente sobre

conflitos socioambientais, uma abordagem através de lentes de gênero, que considere também as relações de poder entre os sexos nas questões ambientais, carece ainda de aprofundamento teórico.

Para contribuir neste debate, em 2017 teve início o projeto de pesquisa “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas”, cujo a proposta era de identificar como conflitos socioambientais afetam as mulheres que exercem atividades pesqueira. Assim, este texto apresenta alguns resultados da pesquisa do projeto “Mulheres na pesca”, centrando na reflexão sobre dois conflitos socioambientais que ocorrem em Quissamã/RJ, através de interlocuções com mulheres que participam da atividade pesqueira artesanal neste município, de forma a oferecer uma perspectiva dos conflitos socioambientais que considera questões de gênero.

Nesta perspectiva, os conflitos identificados consideram, por exemplo, a divisão sexual do trabalho entre as tarefas desenvolvidas por mulheres e homens nas comunidades pesqueiras. Nesta divisão, socialmente construída, há separação e hierarquização dos trabalhos, resultando em “trabalhos de/para homens”, que valem mais que “trabalhos de/para mulheres” (KERGOAT, 2009).

A pesca, enquanto atividade produtiva, remete a um universo masculino. Perceber como se dá participação das mulheres neste universo exige a compreensão de práticas estruturantes que moldam a sociedade patriarcalmente orientada. Aspectos culturais se traduzem em um modelo bipolar de práticas cotidianas de divisão social de espaços de domínio, onde o mar é espaço masculino e lugar do herói, enquanto a terra/casa é espaço feminino e lugar da cuidadora (ALENCAR, 1993; FURTADO, 2004; FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009). Nesta perspectiva, o que é feito no âmbito doméstico não é visto, logo, nunca é percebido como trabalho (LAGO, 2006). É, na melhor das hipóteses, uma ajuda - e na pior, obrigação - portanto, sem necessidade de valorização social ou econômica. Neste sentido, as mulheres que executam atividades pesqueiras artesanais encontram-se em dupla posição de vulnerabilidade. Por um lado, a luta desigual de poderes entre a pesca artesanal e outras atividades economicamente mais rentáveis, que ocupam e exploram as zonas costeiras e outros ambientes de recursos hídricos. Por outro lado, relações de gênero intensificam a vulnerabilidade para estas mulheres nas comunidades pesqueiras.

## **Notas metodológicas - sobre o projeto “Mulheres na pesca”**

Os vazamentos de petróleo ocorridos na Bacia de Campos / RJ, entre novembro de 2011 e março de 2012 por conta da exploração a cargo da Chevron Brasil, entre outras operadoras, acarretou um TAC - Termo de Ajustamento de Conduta ambiental, firmado em setembro de 2013. Tal instrumento previsto na legislação ambiental brasileira é aplicado a conflitos ambientais como este caso, no qual o vazamento de petróleo impactou diretamente no ambiente e gerou consequências socioeconômicas às populações pesqueiras da região. Os recursos financeiros oriundos do TAC financiaram o “Projeto de Apoio à Pesquisa Marinha e Pesqueira no Rio de Janeiro”, composto por 15 subprojetos, entre eles, o “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas” (FUNBIO, 2017).

Ocorrida entre abril de 2017 e novembro de 2019, o projeto “Mulheres na pesca” teve como área de abrangência 7 municípios das regiões do Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas do RJ, entre eles o município de Quissamã. A equipe de execução do projeto foi formada por pesquisadoras e estudantes da UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, permitindo formação continuada através das discussões teóricas e das práticas de pesquisa no trabalho conjunto entre estudantes de graduação, mestrado, doutorado, pesquisadoras de pós-doutorado e docentes do Centro de Ciências do Homem da UENF.

A estrutura metodológica da pesquisa foi organizada em 3 rodadas de campo, sendo a primeira de investigação junto a informantes-chave, seguida de entrevistas em profundidade com trabalhadoras da pesca nas comunidades, após análise das informações relatadas pelas interlocutoras, a última rodada para descrever em vídeos os conflitos socioambientais por elas vivenciados. A análise das informações de campo foi organizada e sistematizada em formato de uma ficha de identificação do conflito, contendo as informações que caracterizam o conflito investigado (MARTINEZ et al, 2020).

Quissamã foi o primeiro dos sete municípios a iniciarmos o trabalho de campo. Ali tivemos como interlocutoras 2 informantes-chave e 8 moradoras das comunidades pesqueiras que tem como principal ocupação a atividade pesqueira artesanal. Este texto

considera as contribuições de campo oriundas das 8 moradoras das comunidades, todas pescadoras, de acordo com a legislação<sup>2</sup>.

### **O campo em Quissamã**

Tanto nas pesquisas semiestruturadas, guiadas por um roteiro de entrevistas, quanto nas conversas informais fundamentais à imersão em campo das pesquisadoras, percebemos o distanciamento da discussão acadêmica de conflito enquanto um conceito, com a prática cotidiana destas mulheres. Assim, nos relatos de campo pouquíssimas vezes a palavra conflito foi dita por elas, porém as descrições dos dificultantes de suas práticas pesqueiras permitiram a nossa equipe de pesquisa identificar 2 conflitos socioambientais com consequências diretas no cotidiano destas mulheres em Quissamã.

O município que dista 240 Km da capital do estado do Rio de Janeiro possuía no censo de 2010 o total de 20.424 habitantes (IBGE, 2010), dos quais foram identificados 437 pescadores(as) pelo Programa de Educação Ambiental PESCARTE, concentrados principalmente em três comunidades: Barra do Furado, Beira de Lagoa e Centro (TIMÓTEO, 2016). Barra do Furado é a única das três onde ocorre a pesca marítima, mas onde também ocorre pesca de água doce, assim como em Beira de Lagoa e Centro.

### **As mulheres da pesca de Quissamã**

Cada uma das oito interlocutoras que participaram nesta pesquisa apresentou motivos levemente diferentes para se inserirem na atividade pesqueira, mas de forma geral, todos os motivos são contemplados ou por uma trajetória de vida inscrita em comunidades pesqueiras, ou por projetos para a sobrevivência. Estas duas formas de inserção de mulheres na atividade pesqueira artesanal, aquelas “nascidas na pesca” e aquelas cujo “a necessidade levou à pesca”, são formas podem ocorrer para qualquer pessoa, não somente para as mulheres, mas as contribuições dos relatos das interlocutoras, com seus enfrentamentos cotidianos, permitem reflexionar sobre a atividade pesqueira artesanal através de lentes de gênero.

---

<sup>2</sup> A Lei 11.959 de 29 de junho de 2009 traz as definições de pescador profissional (aquele que exerce a pesca para fins comerciais) e pesca (operações de captura, coleta, extração, etc., de recursos pesqueiros) no Capítulo II, artigo 2º, parágrafos XII e III, respectivamente. Ver: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/L11959.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/L11959.htm)>

### Nascida na pesca – [Pesca é coisa de homem]

Duas interlocutoras, irmãs de mesmo pai, pescador. Aprenderam com ele, desde muito pequenas, a entrar no barco a qualquer hora da madrugada, mesmo com chuva. Na família de 6 irmãs e 1 irmão, o pai “*se viu na situação complicada porque era só um menino pra ajudar ele e uma família grande para sustentar, ele colocou três filhas dele na pesca*”. Uma das irmãs, aos 18 anos *enjoou do lugar pequeno* e foi para o Rio de Janeiro, se afastando da pesca até seus 34 anos, quando retornou à Quissamã e, neste ponto, a trajetória de quem iniciou na pesca por ter nascido em meio à ela, encontra a outra forma de inserção, por necessidade:

*Eu vim grávida de 4 meses de gestação [...] e aí eu me vi como que eu vou viver num lugar desse? Que complicado viver aqui! Grávida, sem marido, só com uma casinha pra morar mesmo e comecei a pescar, pescar, pescar, pescar.*

### A necessidade que leva a pescar – [mulheres são responsáveis pelo cuidado]

“*Eu disse: um dia eu vou sair dessa vida e vou ser pescadora. Eu vou pescar e ainda vou dar as coisas pros meus filhos.*” Uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas” é a definição que Gilberto Velho empresta de A. Schutz para o conceito de projeto<sup>3</sup>.

A construção social de que mulheres são as responsáveis pelas tarefas de cuidado moldam o projeto que leva as mulheres a se inserirem na atividade pesqueira: “*meu marido morreu. Eu fiquei pra criar meus filhos e comecei a pescar pra criar eles. Aí trabalhei na pesca, criei eles.*”

### Os enfrentamentos cotidianos

Independente de como se inicia a vida na pesca, ser mulher nesta atividade acarreta enfrentamentos cotidianos. Os trechos seguintes são relatos de violências simbólicas e institucionais, utilizadas para intimidá-las a desistir de suas atividades produtivas:

*A gente chegava assim 4 horas da manhã em casa e quando fosse pra lá tinha que ir pra lá 3 horas da tarde, 4 horas da tarde pra que ninguém tomasse o nosso lugar. E pra mulher isso não era nada fácil.*

---

<sup>3</sup> Esta definição encontra-se originalmente no capítulo “Trajetória individual e campo de possibilidades, em livro publicado por Gilberto Velho em 1994. Para este texto, utilizei a reprodução do capítulo por Vianna; Kuschnir; Castro (2013).

*Ficar num lugar que só tem homens de madrugada tem que ter muita coragem também! Não só disposição mais muita coragem também e não temer a nada! A gente pescava no meio de homens, homens que vinham sei lá de onde e eles achavam que como, por a gente ser mulher de repente era mais fácil tomar alguma coisa da gente né? Ficava jogando conversa fiada, ficava fazendo xixi na frente da gente, aquelas coisas todas. Tudo isso é problemático.*

*Veio o senhor presidente da época da Associação de pescadores, se dizendo presidente legalizado, como a gente não vai ver se é verdade ou não, não tem acesso a internet como normalmente hoje tem e começou a escolher que era e quem não era pescador. Na hora da gente votar ele não deixava não, ele dizia mulher aqui não vota. Aconteceu a eleição para presidente da associação e mulheres não podiam votar, mesmo com documento o policial impediu eu de votar.*

## **Os conflitos socioambientais de Quissamã**

Como mencionado anteriormente, os conflitos socioambientais identificados na pesquisa foram organizados em formato de ficha, nas quais descrevem-se informações sobre os impactos socioambientais oriundos do conflito, os atores envolvidos, sejam eles os povos tradicionais afetados, sejam as atividades econômicas geradoras do conflito e, ainda, as entidades que acirram, são parceiras, ou se omitem frente ao conflito identificado, seguido de um item mais extenso de descreve a dinâmica do conflito. Para o município de Quissamã foram organizadas duas fichas<sup>4</sup> que, amparadas pelos registros com as interlocutoras, servem de base aos resultados descritos na sequência deste texto.

### Cercamento da Lagoa

A partir da década de 1940, “volumosas dotações orçamentarias [...] e um espírito claramente antropocêntrico” motivaram o DNOS - Departamento Nacional de Obras e Saneamento a realizar intervenções permanentes nos corpos hídricos da baixada Norte-Fluminense, seguindo o discurso sanitarista de controle de doenças facilmente propagadas em áreas alagadiças, (SOFFIATI, 2005; VALPASSOS, 2003). Na prática, estas alterações no ambiente serviam ao interesse de fazendeiros. As obras possibilitavam pertinentemente irrigações de plantações, mas não consideravam como as alterações da dinâmica hídrica afetava os estoques pesqueiros.

---

<sup>4</sup> Ver: Hellebrandt (2019) e Hellebrandt (2019a).

Um dos corpos hídricos severamente alterado pelo DNOS foi a Lagoa Feia, considerada a segunda maior lagoa de água doce do Brasil. Sofreu as maiores alterações de sua história com as obras do DNOS, levando à redução do espelho d'água e assoreamentos. Tais obras “facilitaram a ação de proprietários de terras, que, objetivando ampliar a extensão de suas propriedades, construíram diques que impediam o avanço das águas sobre suas terras no período das cheias” (VALPASSOS, 2003). Em 1979 foram instaladas comportas no Canal das Flechas, trecho de ligação entre a lagoa e o mar, construído em 1948. As comportas servem para controlar a vazão de água e as trocas entre águas doces e salgadas. Tal troca é importante para os processos migratórios e reprodutivos de algumas espécies de peixes, como robalo e tainha, contudo a operação das comportas obedece aos interesses dos fazendeiros da região, conforme precisam de irrigação em suas terras expandidas Lagoa Feia adentro.

Além do controle das comportas que interfere diretamente na disponibilidade dos estoques pesqueiros, muitos fazendeiros colocam cercas eletrificadas no entorno de suas propriedades à beira da Lagoa, não permitindo o acesso ao local de pesca. Acessar a Lagoa Feia para pescar exige uma negociação com os fazendeiros, conforme relatam as interlocutoras:

*Para entrar nessa lagoa ninguém tem entrada nela, ninguém tem entrada na lagoa, ninguém tem, aí para passar dentro do que é dos fazendeiros que eles tomaram conta de tudo que aí pra gente não poder passar eles botam cadeado nas cercas, cerca elétrica, e maior sufoco para a gente poder entrar de madrugada na lagoa se quando panhava o peixe, tinha que levar aquelas coisas toda na cabeça o maior sufoco menina para a gente tirar um peixinho da lagoa, aí os fazendeiros não deixam entrada para ninguém, depois fica acusando todo mundo de ladrão, não querem dar a chave para ninguém.*

*O dono, se ele quiser trancar, ele pode. [...] A gente entra, assim... Só que a gente avisa, né? Antes. Primeiro, a gente avisa. Que aí eles já ficam sabendo que a gente entrou. E sai. Cê não chega entrando a primeira vez. [...] Tem que chamar o rapaz pra poder pedir autorização pra entrar. Eles deixam entrar, mas tem que chamar, lá é fechado.*

### Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado

Nas interlocuções com as moradoras da comunidade de Barra do Furado, identificamos relatos que remetiam a momentos de intervenção antrópica motivadas por atividades econômicas vinculadas sobretudo aos interesses de agroindústrias sucroalcooleiras, tal qual no conflito relatado anteriormente, mas também outros, oriundos da exploração de petróleo e gás. Tais intervenções desencadearam em impactos



socioeconômicos para a comunidade pesqueira, tanto diretamente afetando os estoques pesqueiros e a renda advinda da pesca, quanto outros estruturais, que abalaram a vivência na comunidade.

Além das ações do DNOS, a descoberta de petróleo na Bacia de Campos no final da década de 1970 representou uma possibilidade de diversificação econômica na região, para além dos Engenhos de cana de açúcar. A logística voltada à indústria petrolífera causou uma nova onda de impactos socioambientais à comunidade de Barra do Furado. Iniciado no ano de 2010, o projeto de construção de um estaleiro naval em Barra do Furado, denominado de Complexo Logístico Naval Farol-Barra do Furado, prometia gerar em torno de 15 mil empregos (RODRIGUES; LEMOS, 2011), movimentando caminhões pesados com os materiais para as obras em meio às pacatas ruas de Barra do Furado. Em meio a escândalos de corrupção da empresa envolvida, as obras foram suspensas. Restaram impactos, tais como rachaduras nas casas pelo trânsito de caminhões. Não houve qualquer respeito às reivindicações locais, conforme trecho relatado pela interlocutora:

*Depois que inventaram esse estaleiro em Barra do Furado, a pesca da gente deu uma piorada muito grande, porque veio a odebrecht [...] foi lá pra cima dos canais não sei lá pra onde lá, fez a gente chegou aí com colônia com tudo, pra lá pra fazer manifestação e tudo, implosão de pedra, onde guarda o peixe, robalo, que a gente sabe que no outro dia tinha robalinhos mortos nas beiradas que todo mundo viu.*

### **Considerações finais**

Ambos conflitos identificados afetam as comunidades pesqueiras como um todo, então qual a relevância de os analisarmos a partir das contribuições das mulheres, interlocutoras da pesquisa? Ora, quando observamos como operam conceitos como divisão sexual do trabalho nas comunidades pesqueiras e como se dá a reprodução dos papéis de gênero no contexto da pesca artesanal, podemos perceber alguns agravantes para as mulheres que exercem atividade pesqueira.

Por exemplo, observamos que, mesmo expostas à violências simbólicas e institucionais, há mulheres enfrentando o risco de ir à pesca, cercada por homens desconhecidos, em plena madrugada, pois, como destacaram, necessitam alimentar os filhos. Mesmo que a preocupação com a segurança alimentar venha a ser compartilhada por todos os familiares, perdura a construção social de que o cuidado com os filhos é de responsabilidade da mulher.

Assim, quando grandes empreendimentos políticos e/ou de interesse econômico impactam a atividade pesqueira artesanal, impactam as mulheres da pesca também no nível da segurança alimentar, como no exemplo destacado neste texto como eixo principal de argumentação, por ser sempre apontado pelas interlocutoras.

Concluo destacando que o projeto das interlocutoras desta pesquisa é o de lidar com a necessidade. Mudam a própria vida, sobretudo, para garantir a sobrevivência de quem lhe é dependente. Nesta prática, enfrentam perigos, violências e limitações culturais que separam espaços físicos para homens e para mulheres, reforçando, portanto, que os conflitos socioambientais devem considerar as relações de gênero em sua discussão.

### Referências

- ALENCAR, Edna F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves; LEITÃO, Wilma; FIÚZA DE MELO, Alex (Org.). **Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia**. Belém: MPEG, 1993. p. 63-81
- ACSELRAD, Henri. **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 351p.
- CICIN-SAIN, B., KNECHT, R. **Integrated coastal and ocean management: concepts and practices**. Island Press. 1998.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho Doméstico. in: HIRATA, Helena et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP. 2009. pp - 256 - 262.
- FURTADO, L. G. 2004. “Dinâmicas sociais e conflitos da pesca na Amazônia.” In: ACSELRAD, Henri. **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- FUNBIO - Fundo Brasileiro para a Biodiversidade. **Website** <<[www.funbio.org.br](http://www.funbio.org.br)>> 2017
- HELLEBRANDT, Luceni. Cercamento da Lagoa. In: MARTÍNEZ, Silvia Alicia (coordenadora). **Projeto Mulheres na Pesca: mapa de conflitos socioambientais dos municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas**. 2019. Disponível em: <https://www.mulheresnapesca.uenf.br/mapa.php>

HELLEBRANDT, Luceni. Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado. In: MARTÍNEZ, Silvia Alicia (coordenadora). **Projeto Mulheres na Pesca**: mapa de conflitos socioambientais dos municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas. 2019a. Disponível em: <https://www.mulheresnapesca.uenf.br/mapa.php>

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 67 – 76.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Gente do mar e da terra: revisitando velhos textos e lugares de pesquisa. In: RIAL, Carmen; GODIO, Matias. (Orgs.) **Pesca e turismo**: Etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, 2006. p. 103 - 112.

MARTINEZ, Silvia Alicia *et al.* Mapeamento e caracterização de conflitos socioambientais no Norte Fluminense e nas Baixadas Litorâneas privilegiando o olhar das trabalhadoras da pesca artesanal. In: WALTER, Tatiana *et al.* (Orgs.) **Avaliação de Impactos Ambientais**. 2020. [No prelo]

NAVI/UFSC. Pesca no litoral brasileiro e a herança açoriana em Santa Catarina in: Rial, Carmen; Eckert, Cornélia; Vailati, Alex; Pires Vieira da Rocha, Carla (orgs.) **Antropologia Visual**: IUAES/Florianópolis/2018 - Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

RODRIGUES, Rejane Cristina de Araujo; LEMOS, Linovaldo Miranda. Logística e território no Brasil - os complexos portuários do norte fluminense. **Revista Geográfica de América Central** - Número especial EGAL, 2011 - Costa Rica - II Semestre 2011. pp. 1 - 16.

SCOTTO, Gabriela. (Coord.) **Conflitos ambientais no Brasil**: natureza para todos ou somente para alguns?. Rio de Janeiro: IBASE/ Fundação Heinrich Böll, 1997.

SOFFIATI, A. DNOS: uma instituição mítica da República Brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. V. 7 N. 2 / Novembro 2005. p. 61 – 76.

TIMÓTEO, Geraldo. (coord.). **Educação Ambiental com Participação Popular**: Avançando na Gestão Democrática do Ambiente. Campos dos Goytacazes, Fundenor, 2016.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. Redução do Espelho d'Água da Lagoa Feia – RJ e Mudanças nas Práticas de Pesca. **XI Congresso Brasileiro de Sociologia**. 01 a 05 de setembro de 2003, UNICAMP, Campinas/SP.

VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso. [orgs] Gilberto Velho – **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.